

Entrevista com Katherine Blouin

A História Antiga para além do Eurocentrismo: indigenizando o ensino e a pesquisa

*Ancient History beyond Eurocentrism:
Indigenizing Teaching and Research*

Fábio Frizzo*
Priscilla Gontijo Leite**
Uiran Gebara da Silva***

Esta entrevista compõe o dossiê *Antiguidade na Cultura Histórica: experiências escolares e públicas* da Revista *História Hoje*. Este dossiê foi motivado, por um lado, pelos desdobramentos recentes na educação básica brasileira – instituição de uma base comum curricular nacional e a reforma do Ensino Médio, numa disposição transversal das disciplinas de Humanidades (Filosofia, Sociologia, História) – e, por outro, pelos avanços nas pesquisas sobre ensino de História Antiga.

O ensino superior brasileiro recebeu grande influência do modelo francês e, neste contexto, o campo da História em particular foi dependente da historiografia francesa, antes da recente imposição da linguagem e do padrão de pesquisa anglo-saxões.

Para atuar como professor de História para alunos de 11 a 17 anos, deve-se ter a graduação em História, que dura em média 4 anos. O curso é composto por disciplinas geralmente divididas em três grupos: primeiro, disciplinas que apresentam os eventos e processos sociais de sociedades passadas organizadas em torno da linha do tempo cronológica quadripartite (História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea); segundo, disciplinas sobre Teoria e Metodologia da História; terceiro, discipli-

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG, Brasil. fabio.frizzo@uftm.edu.br <<https://orcid.org/0000-0001-5523-5884>>

** Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. priscillagontijo@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0003-2616-7186>>

*** Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, PE, Brasil. uirangs@hotmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-9547-334X>>

nas sobre ensino de História, que tomam uma maior parte no currículo daqueles que optam por licenciatura em História. Nesse modelo, as graduações costumam ter de uma a duas disciplinas dedicadas à História Antiga, usualmente focando em “Antiguidade Clássica” ou “Civilização Greco-Romana”. A especialização para atuar na História Antiga acontece na pós-graduação com mestrados e doutorados em temas de História Antiga.

Na Educação Superior Brasileira, Estudos Clássicos é um termo que frequentemente fica restrito aos cursos de graduação e pós-graduação em Letras especializados em grego ou latim. Os estudantes de História que desejam melhorar sua formação geralmente a complementam cursando disciplinas de Letras Clássicas, Filosofia Antiga e (mais raramente) Arqueologia Clássica. Apesar do diálogo entre classistas, historiadores e filósofos, a departamentalização no campo de trabalho restringe a atuação dos profissionais a sua graduação.

Priscilla: *Você contou um pouco sobre sua trajetória no texto “Classics Can Stay in its Cozy Cave of Whiteness While the Rest of Us Move On”.¹ Nele você conta sobre sua trajetória conduziu a uma visão crítica sobre os Estudos Clássicos e o futuro dos Clássicos. Você poderia nos falar um pouco sobre a sua formação e sua trajetória acadêmica?*

Katherine: Sim, muito obrigada por me receberem. Bom, eu sou de Quebec. Eu sou franco-canadense e meus ancestrais se mudaram para a cidade de Quebec cerca 400 anos atrás. E nós estivemos por lá desde então. É onde eu fui criada e onde eu estudei, com mais alguns anos de estudo em Paris. Sobre o nosso sistema de ensino: eu penso que ele tem mais similaridades com o francês do que com aquele que existe no resto do Canadá. Eu sou de uma família de classe média e fiz ensino público minha vida inteira. Eu vou antecipar uma das questões aqui: nós não temos o que é chamado de “curso clássico”, em que você poderia aprender um pouco de latim e grego, como *Gymnasium* na Alemanha. Isso foi abandonado, eu acredito, nos anos 1960. Foi a época em que os quebequenses expulsaram o clero católico e que coincide com um aumento no nacionalismo. Eu não estudei grego e latim até entrar na universidade. Se você quiser começar mais cedo, apenas algumas poucas escolas particulares oferecem isso. Uma vez que eu cursei escola pública, não ocorreu. Eu me graduei na Universidade da cidade de Quebec, *Université Laval*. Foi num curso denominado *Ancient Studies* (Estudos da Antiguidade), que eu mencionei

porque demonstra como era essencialmente sobre o mundo grego e romano, mas tinha também arqueologia copta e do Oriente Próximo. Eles têm uma concepção do campo diferente dos “Estudos Clássicos” anglo-saxônicos. Eu completei meu bacharelado nesse programa e então mudei para História. Fiz meu mestrado e meu doutorado em História, cursando meu doutorado ao mesmo tempo na *Université Laval* e na *Université de Nice* no sul da França. Em Québec, temos estes acordos, podemos chamar de “cotutelas”. Eu fiz isso, mas passei meus anos de estudo em Paris, onde você pode participar de todos aqueles fantásticos seminários por quase nada. Eu acho que era algo como 50 euros por ano. Depois, eu fiz um pós-doutorado em papirologia, já que minha pesquisa se concentra no Egito helenístico e romano. Na *École Pratique des Hautes Études*, eles efetivamente oferecem um curso de pós-doutorado. É um diploma mesmo, que requer uma defesa, como no doutorado. E assim eu fiz isso em Paris, na EPHE. Deveria ter sido por dois anos, mas quando eu consegui meu emprego na *Universidade de Toronto* depois do primeiro ano. Então, eu levei mais 5 anos para terminar já que comecei a trabalhar em Toronto.

Priscilla: *Gostaríamos de saber como as questões ligadas aos conceitos de “Orientalismo” e “Civilização” surgem em sua pesquisa. Essas questões motivaram sua atuação no campo da História Pública e no ensino de História Antiga?*

Katherine: Eu não fui exposta a essas questões durante todo o meu período de estudos e, retrospectivamente, conecto isso com minha posição de franco-canadense que estudou em Paris. Com isso, quero dizer que os quebequenses têm o que chamamos de um “complexo de inferioridade” em relação à metrópole colonial, que para nós é a França. Para que eu tivesse sucesso, eu não poderia diretamente forçar ou desafiar a academia. E na época, eu nem mesmo saberia como fazer isso. Eu só tinha de sobreviver. Quando eu consegui minha formação em Estudos da Antiguidade, nós não tínhamos contato com esses materiais. Eu acredito que a maioria dos estudantes de História tinha acesso a todas essas coisas, mas não havia nenhum tipo de literatura decolonial.² Minha meta era ser uma estudante nota 10, sair da cidade de Québec e encontrar um emprego na Academia. Se você é de Québec, você deve ir para uma metrópole e, para a maioria de nós, essa metrópole é a França, especialmente Paris. Mas outras universidades francesas também servem. É assim

que eu acabei indo parar em Paris. Lá eu também queria sobreviver e mostrar que eu tinha o direito de estar lá, junto com todos aqueles franceses. Quando você está em Paris, você vivencia o contrário do nosso complexo. Há este “complexo colonial de superioridade” e isso ainda está bastante firme por lá. Até hoje, muitos colegas franceses resistem a estas questões que colocamos agora. Eu tive de me adaptar para trabalhar em um ambiente diferente. Vir para Toronto foi como me mudar para um país diferente: uma língua diferente, um sistema educacional diferente, valores diferentes. Não é como se tivesse sido premeditado. O que aconteceu foi que nosso grupo se encontrou em um curso de verão sobre Papirologia, eu acho que em 2007, e, naquele ponto, Rachel Mairs, Usama Ali Gad e eu tínhamos conseguido posições permanentes de trabalho. Nós estávamos observando dinâmicas progressivamente problemáticas nos campos da Papirologia e dos Estudos Clássicos, com racismo, orientalismo, e muita condescendência colonialista em relação aos colegas egípcios. Nós percebíamos essas coisas, até que chegou a um ponto em que pensamos: muito bem, agora podemos falar, agora se falarmos não vamos mais perder nossos empregos. Então iniciamos o blog *Everyday Orientalism*³ [*Orientalismo Cotidiano*] e esse processo se desenvolveu ao longo de alguns anos. Então, eu praticamente eduquei a mim mesma em um estágio tardio da carreira. Agora eu olho para os graduandos e aqui e percebo: “Meu deus, vocês estão realmente atualizados”. Eu não estava atualizada quando consegui o emprego. Algumas vezes eu olho para mim mesma lá atrás e não tenho certeza se naquela época estaria equipada para ter estes debates que estou mantendo agora. Foi assim que se deu. Não foi premeditado, mas revendo, eu acho que minha posição como franco-canadense também determinou, por que eu não me engajei com estas questões até um estágio posterior. E eu não acho que eu teria chegado aqui se tivesse me engajado.

Priscilla: *Muito obrigada. Eu acho que há muitas similaridades com nossas próprias trajetórias no Brasil. Nós estamos todos preocupados com mudanças, não apenas no sistema social, mas em como ensinar e como provocar um debate mais equilibrado, em colocar pessoas em posições menos proeminentes para falar. Agora, fale um pouco das suas atividades ligadas à História Pública e recepção da Antiguidade. Como é atuar nos blogs e nas redes sociais: o Twitter, Isis Naucratis,⁴ o blog *Everyday Orientalism* e as conversas online (#EOTalks)?*

Katherine: Este aspecto do meu trabalho, novamente, não foi planejado e aconteceu de forma orgânica. Esta jornada com o *Everyday Orientalism* tem sido realmente transformadora. Como eu disse, nós a iniciamos a partir de um lugar bem pessoal e, logo cedo, percebemos que todos, Rachel, Usama e eu viemos de famílias rurais. Usama é egípcio, Rachel da Irlanda do Norte e eu quebequense. Há algo em nossos posicionamentos que nos colocou em um espaço que estava particularmente sintonizado com questões de subalternidade, orientalismo e racismo. E digo isso como uma pessoa que está consciente que, como franco-canadense, eu sou ambas coisas: colonizadora e uma colonizadora que foi colonizada. Então, não estou dizendo que estou na mesma posição que Usama. Bem, nós prosseguimos com o blog intuitivamente. É como se tivéssemos um impulso das musas ou algo assim: para escrever, para iniciar um debate. E o fizemos. Nossa meta era criar uma plataforma em que debates que normalmente são deixados de lado – que não são o centro de nossos campos – pudessem encontrar um lugar. *Everyday Orientalism* como título é uma espécie ponto de partida, pois o blog é sobre mais coisas. Era importante para nós pensar sobre o que pesquisamos e ensinamos; sobre o que é a História Antiga; sobre como estamos fazendo isso. Então, no final das contas, obviamente, você tem de pensar sobre questões de recepção; sobre como a academia está construída; sobre como nossos campos podem dialogar com outros campos, incluindo Antropologia, por exemplo, que com Girish Daswani tem sido muito bem representada no blog. Também se tornou muito importante para nós não falar apenas para a usual turma anglo norte americana e britânica. E assim nós realmente estamos tentando nos abrir para pessoas de fora desses centros hegemônicos de produção de conhecimento. Minha experiência com isso e com o Twitter, que eu iniciei apenas por diversão, foi realmente transformadora. Eu vejo minha pesquisa e meu trabalho agora como bem diferentes do que eram. Por causa do tipo de questões com as quais lidamos e por causa das relações que eu consegui desenvolver – muitas delas por meio do Twitter, de fato eu conheci Juliana [Bastos Marques]⁵ por meio do Twitter. Eu não tinha sido convidada para ir aos EUA antes de entrar no Twitter. Minhas redes estavam na França e no Egito, e agora pessoas nos EUA começaram a me convidar para eventos. Não teria acontecido sem o Twitter. Mas eu não esperava isso: todas essas relações e essa comunidade. Isso muda mais do que o meu trabalho, muda quem eu sou como pessoa e permeia cada

área da minha vida. Se eu penso a respeito do trabalho que eu faço, obviamente, é como um relacionamento: eu penso sobre coisas, eu aprendo com outras pessoas e isso impacta o meu plano de ensino, impacta como eu ensino, como eu faço pesquisa, impacta como eu faço História Pública. Então, para mim, tem sido bem transformador.

Priscilla: *Sua trajetória é inspiradora, muito obrigada!*

Katherine: Eu que agradeço. Eu deveria dizer: *Everyday Orientalism* realmente depende das mídias sociais. Como poderíamos ter alcançado tantas pessoas sem propaganda? Por meio do Twitter e do Facebook, e agora, especialmente, pelo Twitter. Eu não checo muito as estatísticas, mas é muito por causa do Twitter. Mas agora [com a venda do Twitter para Elon Musk] o cenário vai mudar. O que isso vai significar para o blog? Vai ser interessante acompanhar isso, mas eu penso que há para nós uma sinergia entre o os dois [o blog e o Twitter].

Uiran: *Twitter efetivamente ajuda a entrar em contato com outros especialistas, mas ele também ajuda a entrar em contato com não especialistas, com o grande público. Eu gostaria de saber sobre a sua experiência com a diferença entre estes dois tipos de públicos: as redes que você consegue construir com os especialistas no campo e as respostas dadas por pessoas que não trabalham com História Antiga ou Estudos Clássicos, ou o que quer que seja. Podem ser estudantes de História, mas às vezes não são, são apenas pessoas interessadas no assunto.*

Katherine: É difícil para mim. Eu não recebo muitos retornos do *Everyday Orientalism*. E assim, obviamente não temos as estatísticas disso. Nós só temos as estatísticas geográficas com o *WordPress*, e também olhando no público do *#EOTalks panel* – que basicamente se desenvolveu para que eu sobrevivesse mentalmente durante a pandemia, é como começou – porque ali eu posso ter alguma noção de quem está acessando (tem também uma identificação opcional de afiliação). São acadêmicos e estudantes na maioria. Eu não acho que temos o mesmo apelo junto ao grande público que podcasts de narrativa histórica ou mítica, como o *Sappho podcast* ou o *Endless Knot*, com Aven McMaster. Estes podcasts têm um alcance muito amplo junto ao grande

público, mas o que temos produzido é um pouco diferente. Minha impressão é que somos mais lidos por colegas, mas é muito interessante que seja porque não somos apenas sobre Clássicos ou Antiguidade. Nós não nos importamos com as fronteiras, desde que o tema seja interessante. Eu acho que atuamos em um espectro mais amplo que, por exemplo, *Eidolon*,⁶ que é pensado especificamente para classicistas. Não é uma crítica, é apenas um fato. A beleza disso é que uma boa porção de nossos artigos é usado como ferramenta de ensino. Eu acho que é aqui que entra o público não-especialista. Eu mesma uso alguns dos artigos do blog em sala de aula. Então, nós temos um eco a partir dos estudantes e tenho outros retornos dos meus colegas. Os estudantes reagem bem aos artigos em geral, mas para ser honesta, não tenho certeza se alcançamos muito uma audiência mais geral.

Fabio: *Agora vamos para outro grupo de questões, lidando com ensino básico. Qual é o papel da Antiguidade no ensino escolar no Canadá hoje e qual você acha que poderia ser este papel? Essa temática aparece apenas na disciplina de História (como no Brasil), ou também em outras disciplinas? Como é o ensino de línguas antigas no Canadá, ainda está presente nos currículos ou é apenas privado?*

Katherine: No Canadá, agora, grego e latim são ensinados apenas em escolas particulares. A grande maioria dos estudantes que entram em uma graduação de História Antiga, Estudos Clássicos ou o que quer que seja, não teve contato com grego ou latim. Isso no final das contas coloca questões ligadas a diferença de classes, e tem a óbvia intersecção entre classe e raça, certo? Via de regra, no Departamento de Estudos Clássicos, no campus principal [da Universidade de Toronto], eu tendo a pensar que os que já entram com alguma bagagem em grego e latim são em sua maioria estudantes brancos da classe alta ou de classe média alta. Todos os outros começam a estudar essas línguas no primeiro ano de suas graduações. Há um debate mais profundo sobre isso também em termos dos pré-requisitos de linguagem e exames de linguagem no nível da pós-graduação, mas isso pode ficar para outro dia, embora seja algo que me incomode muito.

De qualquer forma, o papel da Antiguidade na educação básica é quase não existente, para ser bem franca. Há obviamente quase nada na escola primária. Eu publiquei um artigo no blog alguns anos atrás denominado “Histó-

ria não é uma planta”,⁷ que criticava a ideia de ascensão e queda das civilizações. No texto, eu observava o currículo do ensino médio na província de Ontário, onde estou agora. Se eu recordo corretamente, até alguns anos atrás, se você tomar um estudante médio cursando o Ensino Médio, eles terão sido expostos a um, ou na melhor das hipóteses, a dois cursos obrigatórios em História. Vai ser História Moderna, certo? A História do Canadá e obviamente eles não vão iniciar em 10000 a.C., quando os europeus não estavam aqui. Eles vão começar com os franceses, bem pouquinho, e depois com os britânicos. E é isso. Então, se eu me lembro corretamente, há os cursos opcionais. Estes já são para alunos com mais interesse. Haverá um curso da Antiguidade até a Idade Moderna. Vocês podem imaginar: uma semana sobre múmias, outra sobre Grécia e Roma... e então todo o resto não será quase sobre Antiguidade. O outro curso será sobre o século XX. No final das contas, apenas um pequeno número de estudantes escolherá estes cursos extras, porque eles já têm um interesse particular.

Se você pensar na maioria dos ontarianos, eles são o que eu chamo de historicamente iletrados. Para mim isso é um problema real, e isso é algo que, em última análise, eu gostaria que mudasse em Ontário; e de ser capaz de fazer essa mudança. Mas temos um governo conservador agora e eu sou bem realista: não tenho certeza de que vá acontecer. A maior parte das pessoas sequer possui a noção. Não sabem onde estão e não são capazes de decifrar a realidade. Não são capazes de decifrar o mundo ao seu redor, porque o mundo é feito de passado. Eu gosto de dizer que o passado é o agora, e, com tudo levado em consideração, o que chamamos de Antiguidade é muito recente na escala do tempo do planeta. Não é nada. Eu não sei quantas gerações... Não são nem 100 gerações, eu acho. Não é tão “antigo”. E também tem outra questão a respeito de onde vemos Antiguidade no Canadá. A quantidade de arquitetura clássica e monumentos na cidade é imensa, mas as pessoas, muitas delas, não estão preparadas para ver isso. E eu não digo isso de forma condescendente, mas o que acontece quando você não tem esta compreensão? Eu acredito profundamente que essa lacuna verdadeiramente alimenta movimentos de extrema-direita a se capitalizarem nessa iliteracia, a juntar as pessoas e transformar a ira, ou o que quer que seja, os desafios, as questões, o sofrimento com os quais estão lidando em armas. É muito ruim.

Qual a proporção – e estou certa de que no Brasil é o mesmo – qual a pro-

porção da população geral no Canadá que fez estes cursos extras no Ensino Médio? Poucas pessoas. Que proporção que realmente consegue um diploma em História? Muitas poucas pessoas. Ou quase ninguém. Isso significa que sempre que eu ministro um curso optativo na Universidade sobre o Mediterrâneo Antigo ou sobre o Mundo Romano, para a grande turma que temos para o primeiro ano, é uma grande responsabilidade. Porque metade da minha turma é composta por estudantes que estão buscando diplomas em ciências, biologia ou engenharia. Eles estão vindo porque estão interessados. Eles não estão interessados por causa do que aprenderam no Ensino Médio, porque lá eles aprenderam quase nada. Mas eles estão jogando videogames, eles veem filmes, leem livros de ficção e assim por diante. Isso foi um tipo de porta de entrada para eles, e eles querem saber mais. Então eu penso: “ok, eu peguei eles”. Então eu tenho de usar bem este tempo, porque essa é provavelmente a única coisa que eles terão que é efetivamente historicamente preciso. Eu tenho verdadeiramente trabalhado nisso. Há colegas que pensam que ensinar é uma perda de tempo. Muitos colegas ficariam felizes se pudessem apenas pesquisar. Eu amo pesquisar, mas eu acho que o lugar onde eu me sinto mais útil como ser humano é na sala de aula. E assim eu tenho tentado realmente conseguir a atenção destes estudantes. Não apenas ensinar a eles da Roma arcaica até Constantino, mas como isso é relevante hoje, como esta história ainda está conosco e como isso pode fazer a diferença na forma com que você olha para si mesmo, para o mundo e para o seu lugar no mundo.

Uiran: *O que você acabou de dizer sobre iliteracia histórica me lembrou de um conceito de Peter Lee, que é literacia histórica. Você usa o trabalho dele e essa abordagem?*

Katherine: Não, não conheço!

Uiran: *Eu acho que segue a mesma linha que você estava descrevendo. É sobre compreender História com uma disciplina escolar que tem a sua própria linguagem, e você precisa entender os conceitos, como eles funcionam juntos. É bem interessante.*

Katherine: Sim, ok. Eu preciso checar isso porque, imagino, quando eu tenho usado iliteracia histórica eu tenho pensado em termos mais mundanos.

As pessoas andam por uma rua aqui e elas não... vocês são todos historiadores, vocês sabem o que eu quero dizer. Quando andamos em uma rua e vemos certas coisas, nós pensamos de um jeito diferente. Quando vemos o que ocorre no mundo, nós pensamos diferente, porque há uma profundidade, e muitas pessoas não desenvolveram esta profundidade. Muitos de nossos alunos não tinham sequer nascido quando 11 de setembro aconteceu, os anos 1950 são outro mundo para eles. Eu tenho usado em um sentido mais mundano. Mas, obrigada, porque eu gostaria de ser mais precisa se eu for usar isso em minha escrita.

Priscilla: *Há uma outra pesquisadora, portuguesa, Isabel Barca, que trabalha com a noção de literacia histórica. Também é interessante.*

Fábio: *Eu não sei se você também vai usar, mas o nome do nosso dossiê também contém o conceito de Cultura Histórica, que dialoga com o conceito de literacia histórica. Bom, vamos nos concentrar em uma parte específica da questão que fizemos antes. Você falava da urgência de transformar o currículo escolar. Que papel você pensa que a Antiguidade pode desempenhar nas escolas?*

Katherine: Primeiro eu acho que a noção de Antiguidade tem de ser expandida. O paradigma de um Mundo Greco-Romano está vinculado ao colonialismo branco e é basicamente uma ferramenta da supremacia branca. Ele deve ser expandido. Nós podemos entrar em debates sobre História Mundial e assim por diante, mas eu realmente penso que a História Antiga tanto aqui, América do Norte, quanto na América do Sul, no caso de vocês, e em diálogo com o que tem acontecido na Afroeurásia, deve se expandir. Obviamente, nós temos de ser realistas. Se eu digo: “no Ensino Médio, temos de ter um curso só para História Antiga, e então um só para o Mundo Medieval e assim por diante”, não vai acontecer. Mas se em lugar de ter apenas um curso sobre toda a História Mundial, deveria haver dois para cobrir um espectro mais amplo. E eu acho que a ênfase deve ser posta na importância desses períodos antigos e em como eles ainda têm relevância, ainda hoje, em termos de suas conexões com a história moderna. É só pensar em como a arquitetura local, clássica, e como a elite colonial, jesuítas, oriundos de São Francisco, estavam decifrando a paisagem e as pessoas que encontraram quando vieram e colonizaram a região. Como a recepção do antigo Egito se relaciona com alguns projetos colo-

nialistas na África e na Ásia ocidental? Eu acredito que há formas de fazer os estudantes entenderem e adentrarem em debates sobre a ética por trás da exposição de múmias em museus. Estes são exemplos dispersos, mas a História deveria ter um lugar maior nessas discussões. Eu acho que deveríamos ter mais cursos obrigatórios nesse tipo de coisa. E então é sobre o que é pensado e como é pensado. Eu tenho certeza de que é a mesma coisa no Brasil. Há em realidade um tipo de narrativa abrangente nacionalista que é imposta por meio do currículo público, provincial no nosso caso. Porque cada província tem seu próprio sistema de educação, e no Canadá não é uma competência nacional, mas provincial. Porém é politizado, bem politizado. De qualquer forma, eu acho que teria de ser essas duas coisas. Um pouco mais de história, mas tendo muito mais atenção com o que é ensinado e como é colocado em relação com o mundo hoje. Não devemos subestimar os estudantes, eles conseguem entender, mesmo que estejam no ensino médio. Também acho que há um enorme desperdício de tempo mesmo dentro desses cursos de história, e não acho que o problema é dos professores. O problema é que os currículos são pensados no nível mais alto.

Fabio: *Eu concordo totalmente e, na verdade, sempre converso com crianças de 10 e 11 anos sobre o Antigo Egito (eu pesquisei o Antigo Egito). E especialmente no Brasil, com uma enorme população negra, podemos falar de embranquecimento do Antigo Egito. Eles entendem perfeitamente o assunto. Bom, temos outras questões. A partir de suas experiências acadêmicas, como você vê a articulação entre a pesquisa e ensino superior. Quais estratégias podem ser utilizadas para pesquisas realizadas longe dos centros de poder tenham impacto no debate acadêmico? Isso não seria importante para aproximar a História Antiga da experiência de outros povos, a exemplos dos povos originários das Américas e africanos?*

Katherine: Esta é uma questão bem importante e ela se conecta com o que eu estava falando sobre como ensinar é realmente essencial para o trabalho que eu faço como pesquisadora. Porque estou aprendendo muito ao preparar minhas aulas, mas também aprendo muito com meus estudantes. Na Universidade de Toronto há três campi. Há um campus no centro, que é o maior dos campi e reúne todas as pós-graduações. E há ainda dois outros campi. Um fica na parte mais oriental da cidade – eu levo uma hora e meia para chegar lá – que

se chama Scarborough. E um na parte ocidental da cidade, que se chama Mississauga. Para a graduação, eu ensino em Scarborough. E Scarborough é uma parte incrivelmente diversa de Toronto. Toda Toronto é realmente diversa. Mas Scarborough e Mississauga são particularmente diversas. Nas minhas aulas, o que quer que seja que eu vá ministrar, haverá estudantes que sentem que aquilo dialoga com suas identidades. Eu digo isso porque eles disseram isso para mim. Se eu falo do Egito, haverá egípcios, haverá macedônios e gregos. Neste contexto, eu discuto: “A quem Alexandre pertence?” Há estudantes da África, do Caribe, você escolhe! Há estudantes de toda parte. A forma com a qual eles se engajam com os conteúdos me impacta, mas também me motiva a abrir mais a forma com que eu ensino. E assim agora eu faço um esforço consciente de diminuir a proporção de conteúdos gregos e romanos, tradicionalmente gregos e romanos, que vou incluir, e estou dando ênfase em tudo o mais que esse mundo era, mas que não foi incluído na narrativa central eurocêntrica e colonialista. E obviamente isso impacta a forma como eu ensino.

Minha especialidade, como a do Fábio, é em Egito, então de cara não é nos principais temas clássicos antigos, como a Itália de Cícero ou Atenas. Assim, já é um pouco diferente. Eu diria que minha prática de ensino também está conectada com o ambiente em que eu ensino. Enquanto há colegas nos EUA, na França etc. ou mesmo aqui no Canadá que diriam: “estou ensinando, mas a maioria dos meus alunos se identifica como brancos”, eu acredito que esta abertura, esta perturbação do mito da Grécia e da Roma clássicas como “ancestrais do Ocidente”, o que quer que isso signifique – que é nada – esta perturbação deveria acontecer em todo lugar. Eu me sinto muito afortunada de estar ensinando em um ambiente tão diverso. Por exemplo: a cada dois anos eu ofereço um curso panorâmico chamado “o Mediterrâneo Antigo” e da última vez eu realmente diminuí o lugar tradicional de Grécia e Roma. Havia uma proporção muito maior das aulas dedicadas à antiga Ásia ocidental, muito tempo para os Persas, para os Sassânidas. Tivemos toda uma série de encontros, uma aula sobre Núbia, não Egito, mas Núbia e a antiga África do norte. Enfatizando também o intercâmbio global internacional indo até a Ásia oriental e discutindo também a antiga Índia. A Índia como uma série de reinos e impérios. Foi um grande sucesso. Alguns anos atrás, um estudante veio até mim. Ele se identificava como canadense do leste asiático e ele me disse: “até frequentar suas aulas, eu sempre senti que estas aulas não eram para mim,

que estas aulas eram para pessoas brancas e que eu estava na sala de aula aprendendo sobre coisas de pessoas brancas. E eu sentia que era alienante para mim. Agora, pela primeira vez eu sinto que não é apenas um monte de gente branca. Essas coisas efetivamente falam também comigo.” E aquilo foi um dos maiores elogios que eu poderia receber.

Fabio: *Com Certeza! Você poderia comparar o ensino de História Antiga nas escolas, no Ensino Médio, do Canadá e da França? A História Antiga ensinada nas escolas consegue dialogar com a realidade local? Como você percebe a presença da Antiguidade no cotidiano na América do Norte e na Europa?*

Katherine: Ok, Eu não cursei o Ensino Médio na França, então eu só sei a respeito em segunda mão. Embora eu tenha dito que o sistema escolar no Canadá seja mais próximo do modelo francês que outros lugares no Canadá, há algumas diferenças. Nós somos mais norte americanos no sentido de que não há uma hierarquia vertical, e o tipo de classicismo não é tão pronunciado como o é na França. Minha compreensão é que na França há todos aqueles exames, talvez também na graduação. Há a *aggregation*, isso e aquilo. E se você frequenta a *École Normale Supérieure*, você ganha um carimbo, é mais certo que você consiga algum emprego. Pelo contrário, se você vai para uma faculdade normal, suas chances de conseguir um emprego são bem baixas. Em Quebec, não temos isso. Eu diria que a maior diferença está entre Humanidades e Ciências. Quando eu era estudante, durante o final dos anos 1990, a ideia era: “ok, você é muito boa! Por que você vai cursar Humanidades? Por que você não vai para Ciências? Por que você está desperdiçando seu tempo com Humanidades?” E eu dizia que ia fazer o que queria, mas havia esta pressão. Eu acho que na França eles têm um sistema um pouco mais elitista que é muito mais pronunciado e que não pede desculpas. Em Quebec, estruturalmente, não temos isso. No entanto, nós temos esta diferença entre ensino privado e ensino público. O ensino privado você tem de pagar e custa bastante. Então obviamente há uma intersecção com a classe socioeconômica – e aqui é onde você pode ter uma maior exposição à Antiguidade, ao grego e ao latim. Mas obviamente esta exposição não é realizada utilizando as terras coloniais. Vai ser mais o modelo eurocêntrico central. Eu estou repensando a questão e eu posso falar um pouco mais em termos do currículo da Universidade na França, mas sobre o sistema do Ensino Médio eu não quero falar muito, porque não

tenho uma experiência em primeira mão. Mas obviamente os franceses também se vincularam a este passado antigo grego e romano, dado que os gauleses se toraram parte do Império Romano. Eu acho que há muito de uma imediatez e um tipo de vínculo direto de identidade que é vivenciada e forçada por meio do currículo. Ainda assim, também são os gauleses, certo? Então eles estão ao mesmo tempo dentro e fora. É basicamente o tropo de Asterix. Para nós, é tudo um pouco legal e um pouco exótico. Não há uma conexão clara.

No que diz respeito à presença da Antiguidade no cotidiano, eu diria que a maioria dos museus no Canadá, os maiores, terão uma coleção sobre a Antiguidade, uma coleção grega ou romana. Suas origens estão relacionadas ao contexto em que outras grandes coleções sobre a Antiguidade foram criadas. Como uma colônia de brancos europeus, o Canadá também esteve imbricado nessas redes de movimento de antiguidades, por meio do Império Britânico em nosso caso. Obviamente, o Canadá não era o Reino Unido. Por exemplo, eu supervisionei um pós-doutorando que realizou um projeto sobre papiros gregos no Museu Real de Ontário, em Toronto, nosso grande museu. E foi interessante porque nós tínhamos muitos papiros que foram encontrados por Grenfell e Hunt. Eles eram parte de um sistema de *partage* de papiros encontrados no Egito e levados para Oxford. E então, se as pessoas fora do centro imperial pagassem para a *Egypt Exploration Society*, recebiam alguns papiros em troca. Houve toda uma história sobre um sujeito que conseguiu papiros da *Egypt Exploration Society*, mas obviamente não eram as melhores peças. Assim, temos coleções fantásticas, mas ainda há esta hierarquia. Você está no Império, você é branco, mas você não é Londres ou Paris. Então a Antiguidade é visível nesses museus e muito visível na arquitetura urbana e nos monumentos. Muito.

Fábio: *Eu tenho mais uma questão, que eu deveria ter perguntado antes, quando você falava da sua estadia na França, fazendo o pós-doutorado. Eu fiquei curioso se, embora seja branca – você é visivelmente branca –, você vivenciou algum tipo de racismo na França, sendo quebequense numa MetrÓpole?*

Katherine: Ah, sim! Eu não posso ser mais branca do que já sou. Não há como eu ter experimentado racismo como pessoas não brancas, incluindo os próprios franceses com ancestralidade africana. Na época que eu estava lá – nem sei se melhorou, não vivi mais lá por muitos anos – mas eu lembro de en-

contrar um francês com origem norte-africana em um bar e ele dizia: “nós não conseguimos alugar nada, eles não nos alugam um apartamento. Você tem que mandar um amigo branco para fingir que ele quer o apartamento, se você quiser um.” Então posso dizer que este não é o tipo de interação ao qual eu fui exposta. Eu fui exposta a um tipo de afeto. As pessoas se divertiam comigo. Elas diziam: “oh, meu deus! É tão fofinho o jeito como você fala!”. Se tratava particularmente do jeito como eu falo. Mesmo que eu tenha aprendido a padronizar e ajustar minha entonação, meu vocabulário, minha sintaxe e assim por diante. Eu não copio um sotaque francês, mas eu padronizo. Mesmo assim, eu ainda tenho um sotaque claro quebequense. É bem exótico para eles. E eles se divertem com isso. Eu lembro de uma vez estar dando uma palestra na *École Pratique des Hautes Études* e eu podia ver que as pessoas estavam me ouvindo e sorrindo. Elas não estavam ouvindo o que eu dizia, elas estavam ouvindo como eu falo. Assim, eu era um tipo de curiosidade. Este foi o tipo de experiência. Não é agressivo, não é odioso. É mais como uma curiosidade que é afetuosa, mas obviamente há um pouco de condescendência também. Mas não, isto não é racismo. Eu não tenho um trauma disso. Me incomoda? Sim, incomoda! Porque sob tudo isso há o pressuposto de que eles é que sabem falar francês e o francês deles é o melhor. De certa forma, Quebec se diferencia porque nós nos separamos muito antes da metrópole do que outras colônias, que ficaram independentes só nos anos 1960. Então lá, mesmo que haja os sotaques originais, o padrão foi o parisiense por tanto tempo que a diferença não é tão grande quanto é para nós. Isso desequilibra eles. Os franceses precisam de legendas quando assistem a nossos filmes, eles não conseguem nos entender. Nós conseguimos entender eles, mas eles não conseguem nos entender.

Uiran: *Nós vamos agora para a última série de questões. A extrema-direita intensificou a apropriação da Antiguidade nos últimos anos, em parte como reação aos esforços de “desembranquecer” o passado, em parte como projeto deliberado atrelado a uma determinada estrutura de poder. Quais os desafios essa intensificação coloca para os estudiosos da Antiguidade? Eu sinto que isto pode ser relacionado com o que você mencionou sobre a presença da Antiguidade na vida cotidiana das pessoas, na arquitetura, nos monumentos e assim por diante.*

Katherine: Como vocês devem saber, nós tivemos o protesto ou ocupação do *Freedom Convoy* [Comboio da Liberdade], que aconteceu por várias

semanas, mais de um mês, em várias províncias no Canadá. Especificamente em Ottawa, neste inverno. E uma coisa que me surpreendeu foi apropriação indevida, bem previsível, mas, ainda, bem interessante e preocupante, da História, incluindo em alguns casos a Antiguidade Clássica por pessoas envolvidas nos protestos. Esta é uma presença real que está ligada a um tipo similar de dinâmica que acontece nos EUA e em outros países, agora mesmo, com a ascensão da extrema-direita. Só para dar o contexto: na época do Comboio, uma planilha com os financiadores do Comboio foi vazada de uma plataforma online cristã, e eu tive acesso a ela e pensei comigo mesma: “deixa eu conferir se há referências à Antiguidade nessa planilha”. Esta planilha era interessante porque nela há os nomes que as pessoas deram a si mesmas e que eram visível na plataforma. E também: seus e-mails, seus CEPs, o valor da contribuição. E tem também havia os comentários feitos na Plataforma. Eu comecei a buscar por algumas palavras-chave e comecei a escrever um fio do Twitter – talvez vocês tenham visto, talvez não – que terminou sendo um fio com 200 postagens de exemplos, e no final das coisas eu o expandi para além da Antiguidade, na direção de outras referências históricas.

Então, chegando na sua questão, isso me fez ter clareza de que essas coisas efetivamente nos forçam a fazer um ajuste de contas com essa apropriação indevida. Ela tem um impacto real como combustível da retórica e da argumentação que leva a esta violência no mundo real, ou a este tipo violento de manifestação de violência colonialista branca. Neste caso, eu sei que não eram apenas pessoas brancas, mas isso é essencialmente violência colonialista branca. Como um aparte, eu publiquei um artigo no site *Pharos* com Curtis Dozier e seus pesquisadores assistentes sobre a apropriação indevida da Antiguidade Clássica nesta planilha.⁸ Um dos assistentes olhou toda a planilha, há 92.000 itens, então era bem longa. Agora estou trabalhando em um outro projeto com dois pesquisadores assistentes e meu colega, Anver Emon, que é um historiador especialista em leis medievais e também o diretor do *Institute of Islamic Studies* aqui. Nós vamos analisar todas as referências históricas na planilha do Comboio. E isso realmente nos dá uma noção de onde ideologicamente está o perfil do movimento e do quanto a iliteracia histórica serve de combustível para ele. Porque você pode ver isso na forma com a qual várias referências históricas são tomadas por essas pessoas em seus nomes, e-mails e comentários. Essa instrumentalização da História Antiga e da História em geral

e sua utilização como arma pela extrema-direita torna muito mais difícil para nós, professores de História, não se engajar na questão. Pode soar um pouco idealista e eu não quero soar mesquinha, mas eu conheço uma série de colegas que vão simplesmente ignorar isso e achar que não vale bagunçar seus planos de ensino ou tornar sua vida mais difícil. Mas para mim este é um exemplo fundamental de por que a História importa e do porquê é essencial as pessoas atravessarem suas vidas com uma melhor compreensão sobre de onde vieram. Se vamos construir um mundo que não vai

Uiran: *Nós também tivemos nosso próprio grupo de apropriadores da Antiguidade aqui em 2020, quando um grupo chamado os “300 de Bolsonaro” tentou entrar à força no Supremo Tribunal Federal.*

Katherine: Meu deus...

Priscilla: *É o mesmo movimento que há nos EUA. Eles apenas traduziram.*

Uiran: *Agora vamos voltar para nosso papel como estudiosos e para a forma com a qual a academia está estruturada. Você empenhou esforços recentemente para juntar pessoas e suas pesquisas sobre a Antiguidade de diferentes partes do Sul Global com os #EOTalks Classics from the South. O quão importante foi para você lidar com a divisão internacional do trabalho intelectual? O que você sente que você e os outros participantes aprenderam com essas conversas?*

Katherine: Desde o início de *Everyday Orientalism* foi importante não reproduzir a colonialidade tendo debates sobre colonialismo apenas a partir de uma posição hegemônica. Um fenômeno, do qual estávamos conscientes e com o qual não concordávamos, era a tendência desses debates serem monopolizados pela academia anglo-saxã, essencialmente os EUA e o Reino Unido. E sempre que pessoas de fora dessa bolha hegemônica eram chamadas, suas próprias experiências não ficavam em posição central. O pressuposto fundamental para o debate, o contexto pressuposto, os desafios pressupostos eram aqueles para nós, nas Américas, nos EUA. Talvez isso melhore. Como alguém vindo de Quebec, eu participei de tantas dessas mesas e li tantas dessas publicações, e isso sempre vem de um lugar norte-americano. O que é legal, mas nunca há, ou raramente há, esse reconhecimento de que isto não é um contexto universal. Esta não é uma realidade universal. Outras pessoas experimenta-

ram esses desafios diferentemente ou têm perspectivas diferentes para acrescentar. Então, para nós do *Everyday Orientalism* era muito importante não reproduzir isso, porque eu acho que isso se torna recolonizador de várias formas. Nós temos amigos de fora dos EUA e do Reino Unido, e, ao longo dos anos, tivemos muitos debates neste sentido. Em algum ponto, pensamos: “Bom, por que não fazer mesas redondas sobre isso?” Então fizemos a primeira e todos que participaram ficaram tão contentes com como se deu, com a energia, que, logo depois, estávamos analisando e veio a sugestão de fazer uma sequência. Assim, organizamos a segunda. Nesta sexta-feira, teremos uma mesa sobre a precarização da academia.⁹ E todas as vezes realmente fizemos um esforço consciente para não trazer apenas pessoas dos EUA, do Canadá ou do Reino Unido. Pensamos que é importante decentralizar e perturbar este tipo de controle hegemônico nestes debates. Os colegas norte-americanos aparecem nessas mesas? Do que eu vejo, eles estão muito menos propensos a vir, mas não estamos fazendo isso para nossos colegas norte-americanos. E talvez alguns de nossos colegas leiam isso e fiquem ofendidos. Eu não estou colocando todo mundo no mesmo saco. Mas eu acho que há uma verdade a ser dita no fato de que, entre uma mesa com colegas norte-americanos, com grandes nomes em um dado tema, e uma mesa sobre o mesmo assunto, mas com pessoas de outros lugares, mas de fora dos EUA, os norte-americanos estarão mais propensos a ir à mesa norte-americana. Não estamos fazendo isso para nossos colegas americanos, estamos tentando criar uma plataforma diferente, em que pessoas que se sintam alienadas por esses debates quando acontecem nos centros hegemônicos possam sentir que seu posicionamento é mais respeitado e posto no centro. Tornou-se parte de nossa missão.

Uiran: *Há uma tendência recente para descolonizar os Clássicos e a Antiguidade. Como você entende esta ideia de descolonizar a Antiguidade? Quais seriam os meios para fazê-lo? Esta questão também inclui você falar um pouco sobre o que entende por “decolonial”.*

Katherine: Muito obrigada! (rindo)

Uiran: *...Porque este é um grande problema, certo? Cada um de nós entende isso de uma forma diferente.*

Katherine: Sim! Minha linha central é como pessoas pertencentes às Primeiras Nações, os povos indígenas do Canadá entendem a descolonização. E é isso que eu vou seguir. E a definição deles, que para mim é o sentido principal da palavra, é devolver a terra para as pessoas de quem você roubou a terra. É isso o que significa, certo? Então, você pode descolonizar os Clássicos? Não, porque os Clássicos não são um pedaço de terra. Então, você não pode descolonizar os Clássicos. Agora, eu vejo como no Reino Unido eles usam essa ideia muito, mesmo colegas não brancos usam isso habitualmente. Eu acho que eu me tornei um pouco irritante durante a pandemia, porque quando acontecia uma mesa redonda online e eles estavam usando isso, eu sempre acrescentava o link para o artigo “*Decolonization is not a metaphor*” by Eve Tuck and Wayne Yang.¹⁰ Sim, eu coloquei isso em muitos chats. Algumas pessoas podem estar virando os olhos neste momento, mas para mim descolonização é sobre devolver as terras. Assim, como uma praticante de História Antiga e como professora, a questão para mim se torna outra. Eu não posso sozinha descolonizar o Canadá, certo? E os Clássicos não podem ser descolonizados. E os Estudos Clássicos são lá no fundo uma disciplina colonialista. Então, como eu posso contribuir para a descolonização? Que pequenos passos eu posso tomar para, ao longo do caminho, transformar a descolonização em uma realidade? E é aqui que meu ensino e meus estudos voltados ao grande público entram em cena: é por meio da educação, da centralização destas questões e da atenção aos conteúdos que eu coloco no plano de ensino. Eu dedico tempo, mesmo num curso de História Antiga, para os estudantes pensarem sobre o que significa estudar isso aqui? Onde estamos? Essas coisas não são neutras. Este edifício, esta universidade em que estamos não são neutros. Então primeiro vamos avaliar nossa localização, literalmente, e então quando os estudantes estão com essa compreensão, eu farei o centramento, colocando autores indígenas em todos meus planos de ensino. Sempre há uma forma de colocá-los e isso realmente muda a relação dos estudantes com os conteúdos, sua relação com o onde estão. Eu penso que temos um papel a desempenhar em ajudar as novas gerações, que estão em nossas salas de aula, a realmente despertarem. Nós temos estudantes indígenas e esses estudantes indígenas estão bem conscientes do que está acontecendo. Mas estudantes colonos brancos e estudantes negros, eu acho, que é importante ampliar os horizontes deles para a conexão bem real que existe entre nossas disciplinas, como elas foram originariamente

concebidas, em sua gênese, e o contexto colonial em que estamos. Eu tenho visto com alguns pós-graduandos, para os quais venho ensinando essas coisas já fazem alguns anos, e eu posso ver isso. Nos que se engajam com os conteúdos e o levam a sério, isso permeia a forma com a qual eles escrevem, com a qual fazem pesquisa agora. Eles estão me dizendo que isso impacta a forma com a qual eles ensinam e a maneira com a qual eles se comportam no mundo, e mesmo a maneira com qual eles se relacionam com o ambiente. Eu penso que seja isso que possamos fazer. Se, por exemplo, estou pensando no Egito: eu trabalho com o Antigo Egito, mas não sou egípcia. Por que eu estou trabalhando com isso? Trata-se de ser bem humilde e bem consciente do seu lugar, de por que eu estou ganhando meu sustento trabalhando com um país no qual eu não nasci. Como eu posso contribuir para perturbar a colonialidade da Egíptologia ou da Papirologia, numa forma que não seja uma recolonização? Por que, novamente, o perigo está em termos todas essas pessoas brancas pontificando sobre como as pessoas brancas são racistas em relação aos egípcios, que temos de fazer isso e aquilo, mas sem os egípcios. Você ainda está tomando o espaço deles. Então é sobre você. Eu tento ser bem atenta à forma com a qual eu me descendo nessas situações. É também por isso que com as mesas *do #EOTalk*, nós contribuímos, mas não participamos muito. Eu acho que estive em apenas uma mesa, aquela sobre civilização, da última primavera, porque o tema praticamente me forçou a estar nela. Porém, fora isso, nós estamos apenas abrindo a Plataforma para deixar outras pessoas falarem.

Uiran: *Perfeito! Eu adorei sua definição de “decolonial”. Eu vou usá-la.*

Katehrine: Fico feliz de ouvir isso.

Uiran: *Vamos então para nossa última questão. Uma das suas atuações mais interessantes é a proposta de indigenizar a Antiguidade e os Clássicos. Quais as questões teóricas e metodológicas que orientam esta iniciativa, quais as dificuldades que você encontrou, e quais os impactos que você percebeu no seu trabalho e no público?*

Katherine: Esta é uma questão existencial para mim. Eu imagino que vocês tenham lido meu artigo “*Indigenizing the classics: a teaching guide*”.¹¹ Eu vou repetir o que está lá. Eu preciso dizer que muito desse trabalho que tenho

feito agora, eu iniciei em 2016, comecei em discussões com Aven McMaster em uma mesa redonda na qual o artigo no blog se baseou. O trabalho também começou com um círculo de conversa encabeçado por Lee Maracle, que faleceu em 11 de novembro do ano passado [2021]. Junto com outros colegas que estavam nesses círculos de conversa, mas com Lee em particular. Lee Maracle era realmente uma gigante dos estudos sobre literatura e oratória indígena no Canadá. Eu ainda não consigo acreditar que eu pude trabalhar com ela. Ontem eu estava falando ao meu marido: “Lee teve um impacto imenso em minha vida”. Ela era tão generosa, ela dizia o que pensava. Ela ... mudou completamente minha vida. Eu sei que soa piegas, mas é como as coisas são. Eu acho que ela causou isso em tanta gente. Eu certamente não transformei a vida dela, não tenho esta presunção. Nós nos encontramos em um breve período de nossas vidas, e não foram tantas vezes, mas foi assim que meu trabalho começou. Eu me tornando mais consciente e engajada com essas questões. Começou naquele momento e eu não tenho todas as respostas. É um trabalho em andamento.

Indigenizar a Antiguidade e os Clássicos significa coisas diferentes para mim. Significa, como eu disse na questão anterior, fazer os estudantes realmente entenderem onde estamos. Não somente ensinar Clássicos em abstrato, de uma forma impessoal, ou de uma forma que os apresente como objetivos ou neutros. Não! Desde o início, é necessário que haja tempo para compreender: onde estamos? Qual é a história deste lugar? Que tipo de tratado foi feito sobre esta terra? Como é a paisagem? Isso significa que estamos aprendendo o seguinte: por que é assim? Por que isto acontece aqui? O que isso significa? A Terra, com maiúscula, tem desempenhado um importante papel na minha pedagogia agora. E novamente isso acontece por meio do centramento no conhecimento de pessoas indígenas desta terra. Eu faço isso por meio de diferentes mídias, porque para mim isso significa desafiar a primazia da forma escrita sobre todas as outras. Eu estou tentando mudar a forma que eu ensino também. Eu implementei uma tarefa concebida por um colega que é denominada “aprendendo com o exterior”, e eu pontuo que isto está ligado a pedagogias indígenas em certas partes do Canadá. Os estudantes precisam sair do prédio, só ficar lá fora. Depois, voltar e produzir um texto livre. Eu tenho colocado mais ênfase na oralidade, na arte e em diferentes tipos de produção de conhecimento. Eu incluí o sistema do círculo de conversas, por

exemplo. E sempre, no plano de ensino, na sala de aula, deixo certo que não veio de mim, que veio de uma tradição indígena diferente de produção de conhecimento. Eu tenho convidado palestrantes indígenas também, obviamente pagando ou dando algum tipo de compensação em agradecimento pelo trabalho deles. Então tem esta dimensão. Indigenizar ao se engajar profundamente com onde estamos e dando um contexto mais robusto para a situação em que nos encontramos, para o porquê de isto estar acontecendo: estarmos aprendendo sobre o multiculturalismo antigo, no mundo grego e romano, mas fazendo isso em Toronto. Então, o outro aspecto importante é também pensar sobre como estas dinâmicas estavam se desenvolvendo nos lugares que estudamos, no Egito ou onde é hoje a Grécia. Prestar atenção também para o contexto efetivo desses lugares, para além da Antiguidade. Atentar-nos para a terra lá, para como estas disciplinas apareceram, como e em que contexto elas apareceram geopoliticamente. Nós todos sabemos que elas são produtos coloniais. Isso nos permite novamente fazer com estas dinâmicas e este conhecimento fiquem menos abstratos. E por fim temos a questão das indigeneidades antigas. O que acontece quando descentramos o que é considerado o mais clássico? Quando você descentra o grego clássico, quando você descentra Atenas, quando descentra os romanos na Itália? Quando você coloca mais ênfase no norte da África, nos egípcios? Quando você coloca muito mais ênfase no Império Aquemênida ao dar um curso panorâmico sobre os gregos? Ou quando você pensa os assim chamados mitos de histórias em vez de “Mito”? O que acontece quando você pensa sobre esses tipos de histórias? Ou, às vezes, mesmo em algumas produções literárias que são consideradas historicamente pouco confiáveis, como os romances antigos, por exemplo, o que acontece quando você olha para elas por meio de lentes indígenas? Porque isto é o que eu mais sei. Talvez isso se aplique no Brasil também. Quando você olha para isso como histórias, porque histórias são formas de transmitir conhecimento. Então não é apenas sobre os detalhes do lugar e da data, mas é sobre alguma outra coisa. É sobre valores. É sobre a relação com a terra. E eu tenho tentado me perguntar sobre estas questões quando eu faço pesquisa e quando ensino. Eu acho que isso verdadeiramente abre formas diferentes de compreensão de quaisquer histórias que tenham chegado até nós. Eu espero que isso nos permita fazer justiça às histórias antigas que estudamos. Mas

também a mostrar aos estudantes e a nós mesmos como elas ainda estão muito vivas hoje. Esse é o núcleo da coisa e, espero, uma resposta a esta questão.

NOTAS

¹ Cf. <https://everydayorientalism.wordpress.com/2021/10/18/classics-can-stay-in-its-cozy-cave-of-whiteness-while-the-rest-of-us-move-on/>.

² Em língua inglesa costuma-se utilizar o termo “decolonial” de maneira genérica para diferentes formas de pensamento críticas às heranças materiais e imateriais impostas pela colonização. De maneira que aqui não se trata de uma referência ao pensamento “decolonial” latino-americano especificamente, mas a outras formas “pós-coloniais”, “descoloniais” ou “anticoloniais”.

³ Cf. <https://everydayorientalism.wordpress.com/>.

⁴ Cf. <https://isisnaucratis.medium.com>.

⁵ Docente de História Antiga da UNIRIO.

⁶ Cf. <https://eidolon.pub>.

⁷ Cf. <https://everydayorientalism.wordpress.com/2017/08/29/history-is-not-a-plant-some-thoughts-on-high-school-and-undergraduate-ancient-history-curricula/>.

⁸ Cf. <https://pharos.vassarspaces.net/2022/04/15/classics-ottawa-freedom-convoy-leaked-donors/>.

⁹ Cf. <https://everydayorientalism.wordpress.com/2022/10/28/the-gates-4-on-the-precaritization-of-academia/>.

¹⁰ Cf. <https://jps.library.utoronto.ca/index.php/des/article/view/18630>.

¹¹ Cf. <https://everydayorientalism.wordpress.com/2019/05/23/indigenizing-classics-a-teaching-guide/>.

